Gênero, Participação Comunitária e Manejo de Recursos Naturais

MERGE

MANEJO DE ECOSISSISTEMAS E RECURSOS
COM ÊNFASE EM GÊNERO

Estudo de Caso No. 4
Novembro/2002

Fazendo Visível O Invisível
Os Processos de Institucionalização de Gênero da Fundação Arcoiris, EcoCiência e do Instituto Quichua de Biotecnologia, Equador

Paulina Arroyo M. e Susan V. Poats
com Bolívar Tello, Rosa Vacacela
e Rocío Alarcón

Publicação:

UNIVERSITY OF FLORIDA

Apoio:

THE WILLIAM AND FLORA HEWLETT FOUNDATION

USAID

WID TECH

MACARTHUR
The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation

GÊNERO, PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E MANEJO DE RECURSOS NATURAIS

Série Estudos de Caso

Publicação

Merge (Manejo de Ecossistemas e Recursos com Ênfase em Gênero) ,
Tropical Conservation and Development Program
Center for Latin American Studies
University of Florida
P.O. Box 115531
Gainesville, FL 32611
E-mail: tcd@tcd.ufl.edu

Apoio Financeiro:

Fundação William e Flora Hewlett
WIDTECH
Universidade da Flórida

Editora da Série:

Marianne Schmink (Universidade da Flórida)

Conselho Editorial:

Constance Campbell (The Nature Conservancy)
Avecita Chicchón (MacArthur Foundation)
Maria Cristina Espinosa (IUCN)
Denise Garrafiel (Secretaria do Producion, Estado du Acre, Brazil)
Susan V. Poats (GRR - Equador)
Mary Rojas (WIDTECH)

Assistentes Editoriais:

Elena Bastidas
David Salisbury
Rutecleia Zarin
Amanda Wolfe

Instituições Colaboradoras:

Universidade da Flórida
Pesacre - Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre
WIDTECH - A Women in Development Technical Assistance Project
USAID/Brasil - Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional
Fundação John D. e Catherine T. MacArthur
ECOCIENCIA , Equator
GRR, Equator
Arcoiris, Equador
Instituto Quichua de Biotecnología, Equador

A Série de Estudos de Caso do Merge sobre Gênero, Participação Comunitária e Manejo de Recursos Naturais, apoiada por doações da Fundação John D. e Catherine T. MacArthur, e do Widtech, foi planejada para mostrar como um foco em gênero tem sido relevante e útil em projetos de manejo dos recursos naturais. Os casos enfocam exemplos concretos de extensão, pesquisa aplicada, e atividades de planejamento participativo envolvendo comunidades rurais, especialmente aquelas dentro e no entorno de áreas protegidas na Améria Latina com as quais o programa Merge tem colaborado. O formato serve para aplicações práticas assim como para o treinamento em gênero e manejo dos recursos naturais. Os casos são publicados em três idiomas (inglês, português e espanhol), e estão disponíveis na Internet (http://www.tcd.ufl.edu).

A seguir, são apresentados os primeiros Estudos de Caso da Série:

1. **Modelo Conceitual sobre Gênero e Conservação com Base Comunitária**, por Marianne Schmink, 1999.

2. **Gênero, Conservação e Participação Comunitária: o Caso do Parque do Jaú**, Brasil, por Regina Oliveira e Suely Anderson, 1999.

3. **Trabalhando com Conservação com Base Comunitária e Enfoque de Gênero: Um Guia**, por Mary Hill Rojas, 2000.

4. **Fazendo Visível O Invisível. Os Processos de Institucionalização de Gênero da Fundação Arcoiris, EcoCiência e do Instituto Quichua de Biotecnologia**, Equador, por Paulina Arroyo M. e Susan V. Poats com Bolívar Tello, Rosa Vacacela e Rocío Alarcón, 2002.

Série Estudos de Caso sobre Gênero,
Participação Communitária e Manejo de Recursos Naturais, No. 4

Fazendo Visível O Invisível
Os Processos de Institucionalização de Gênero da Fundação Arcoiris, EcoCiência e do Instituto Quichua de Biotecnologia, Equador

Paulina Arroyo M. e Susan V. Poats
com Bolívar Tello, Rosa Vacacela e Rocío Alarcón

Tradução
Rutecleia Zarin

Novembro / 2002

Fazendo Visível O Invisível
Os Processos de Institucionalização de Gênero da Fundação Arcoiris, EcoCiência e do Instituto Quichua de Biotecnologia, Equador

Paulina Arroyo M. e Susan V. Poats[1]
com Bolívar Tello, Rosa Vacacela e Rocío Alarcón[2]

Contexto institucional

O programa MERGE (Manejando Ecosistemas e Recursos com Ênfase em Gênero) - coordenado pela Universidade da Florida - promove projetos colaborativos entre instituições de pesquisa, capacitação e de intervenção no campo. Durante 1995-1997, MERGE/UF - um programa financiado pela Fundação MacArthur - foi parte de um programa compreensivo entre Brasil, Peru e Equador para desenvolver tecnologia de capacitação e pesquisa sobre análise de gênero e participação comunitária no manejo de recursos naturais. No Equador, a Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO) foi um dos sócios de MERGE nesse programa, que objetivava desenvolver tecnologias inovadoras de pesquisa e capacitação na análise de gênero. Em outubro e novembro de 1996, FLACSO e MERGE/UF em colaboração com a Fundação Antisana (FUNAN) Equador organizou o curso regional de especialização "Comunidade, Gênero e Manejo sustentável de Recursos Naturais". Através desse curso, capacitou-se um grupo heterogêneo de profissionais que se desempenhariam como agentes de promoção e replicação da importância da análise de gênero na conservação e manejo de recursos naturais.

O propósito desse documento é analisar e comparar três casos de organizações não-governamentais de conservação ambiental, que iniciaram processos para incorporar o enfoque de gênero em seus programas de conservação de recursos naturais e desenvolvimento comunitário. As lições aprendidas nesses casos enriquecem nossas experiências na institucionalização de gênero e nos demonstram maneiras de fazê-lo, de acordo com nossas diferentes necessidades e contextos.

As três instituições analisadas são a Fundação Arcoiris, Fundação EcoCiência e o Instituto Quichua de Biotecnologia. Esses três casos foram escolhidos por quatro razões: 1) cada instituição concordou na elaboração dessa análise comparativa, 2) cada instituição contava com um pessoal capacitado no tema, 3) cada instituição havia iniciado um processo de incorporação de gênero em suas políticas e programas de trabalho, e 4) as pessoas que estavam promovendo esses processos - Bolívar Tello, Rocío Alarcon e Rosa Vacacela - foram capacitadas através do curso de especialização FLACSO/MERGE. Esse documento se baseia em entrevistas realizadas com essas pessoas em 1999, e suas contribuições ao texto. Depois que os casos foram escritos e revisados, elaborou-se a análise comparativa.

Uma das lições mais destacadas desses casos é que o êxito da institucionalização do gênero depende muito do compromisso e interesse pessoal que cada pessoa tem com o tema, e da receptividade dos integrantes da instituição para com o tema.

Por que é importante a institucionalização do gênero?

A institucionalização formal da perspectiva do gênero tem uma larga trajetória dentro do campo da pesquisa de sistemas agrícolas e

desenvolvimento rural. As diversas organizações involvidas neste campo têm empreendido processos de capacitação de pessoal sobre o tema do gênero, dentro da análise agrícola. Essas organizações têm adotado políticas e programas internos que formalizam a incorporação do gênero em todo o âmbito da instituição, desde sua missão até suas ações no campo.

Apesar desta experiência adquirida no campo agrícola, somente nos últimos anos, as organizações de conservação têm adotado uma política de involver ativamente as populações locais na conservação da biodiversidade e no manejo de recursos naturais. Ao empreender um processo de conservação comunitária, técnicos de campo vêem a necessidade de adotar metodologias e tecnologias participativas para fazer efetivos os esforços das comunidades locais. O enfoque do gênero tem permitido analisar melhor os contextos locais e fazer mais equitativa a participação dos grupos interessados. O enfoque do gênero na conservação comunitária incrementa nosso conhecimento sobre a dinâmica humana no manejo e conservação dos recursos naturais (Campbell e Rojas, 2000).

Ao estender essas práticas fora da instituição, muitos conservacionistas têm refletido que o enfoque de gênero deve infiltrar-se em todos os espaços institucionais. Isso inclui a criação de uma missão que declare o compromisso que a instituição tem de incorporar tanto o enfoque participativo como o de gênero. Os seguintes casos nos ensinam as diferentes necessidades para incorporar a análise de gênero na instituição, e as diferentes maneiras em que as instituições empreenderam esse desafio.

Comunidades, Gênero e o Podocarpus: O estudo de caso da institucionalização de gênero na Fundação Arcoiris[3]

O Que é a Fundação Arcoiris?

- A Fundação Arcoiris é uma organizacao privada criada em 24 de Janeiro de 1989, por um grupo de estudantes de colégio, universidade e voluntários conscientes da necessidade de conservar o Parque Nacional Podocarpus, nas províncias de Loja e Zamora Chinchipe.
- A missão da Fundação Arcoiris é "contribuir na conservação do meio ambiente, da biodiversidade e dos recursos naturais do Parque Nacional Podocarpus (PNP) e da região sul do Equador, através de programas de educação ambiental, desenvolvimento comunitário, pesquisa e ação pública". A Fundação conta com o assessoramento e aval de uma Junta Diretora composta por membros externos e representantes da sociedade civil local.
- Mesmo sendo uma organização cuja área de intervenção direta é de caráter regional, a Fundação Arcoiris tem presença nacional como membro do Diretório do Cômite Equatoriano para a Defesa da Natureza e do Meio Ambiente - CEDENMA. No âmbito local, a Fundação Arcoiris é membro ativo do Cômite para a Defesa do PNP.
- Com o apoio de organizações internacionais, a Fundação Arcoiris está efetuando vários projetos de conservação na região. Destacam-se os projetos efetuados desde 1993, no PNP e sua zona de amortiguamento, com o apoio do The Nature Conservancy (TNC), e em diferentes bosques nativos da província de Loja, com o apoio do Programa de Bosques Nativos Andinos (PROBONA), do Programa de Pequenas Doações da Nações Unidas (PPD/PNUD), Fundo Equatoriano-Canadense de Desenvolvimento (FECD) e da Fundação CARE/FORDES.

À Frente na Conservação do Podocarpus!

O grupo de jovens entusiastas que criaram a Fundação Arcoiris em 1989, nunca imaginaram que hoje poderiam afirmar: "Agora somos a Fundação de conservação mais antiga, com mais experiência e que aplica a variável gênero em Loja". As ações iniciais da Fundação Arcoiris enfocaram a difusão e educação ambiental no setor urbano de Loja, como forma de conscientizar a população sobre os servicos e benefícios que oferece o PNP. O parque é uma área bucólica de grande magnitude (150.000 hectares), localizado entre as províncias de Loja e Zamora Chinchipe, e identificado como um

refúgio estratégico para a biodiversidade do bosque nublado andino e o páramo. Depois de quatro anos de intervenções apoiadas pelo TNC, Arcoiris recebeu um fundo para expandir suas atividades de educação ambiental. Estas atividades serviram de base para estabelecer vínculos com as comunidades assentadas na zona de amortiguamento do Parque Podocarpus, e para criar laços interinstitucionais com organizações para o desenvolvimento rural.

Os contatos iniciais com o programa MERGE

Todavia, os profissionais jovens da Arcoiris, que não eram formados nas ciências sociais, reconheceram a necessidade de aprender metodologias que lhes permitiriam trabalhar com comunidades e com maneiras efetivas de integrá-las na conservação, através de alternativas econômicas produtivas. Foi um fator importante que, em maio de 1995, um dos sócios fundadores da Fundação, Bolívar Tello - engenheiro florestal - participou na oficina de "Gênero, Comunidades, População e Meio ambiente", realizada por TNC, FLACSO, o Programa MERGE e FUNAN, durante a Semana Conservacionista de TNC em Quito.

Pouco depois desse evento, repetiu-se essa oficina - organizada por MERGE, FLACSO e FUNAN - durante a qual capacitaram-se outros dois técnicos e uma técnica (florestais e biólogos) da Arcoiris. Essas pessoas incorporaram novos conhecimentos no programa de educação ambiental e extensão comunitária. Todavia, ainda havia dúvidas sobre o trabalho comunitário e como lidar com os múltiplos atores. Posteriormente, entre outubro e novembro de 1996, Bolívar Tello, o então responsável pelos projetos de desenvolvimento comunitário na zona de amortiguamento do PNP, capacitou-se no curso regional de especialização "Comunidades, Gênero e Manejo Sustentável de Recursos Naturais" organizado por MERGE/FLACSO. Esse foi o impulso necessário para iniciar um processo de institucionalização de gênero na Arcoiris. Além disso, o apoio flexível e incondicional do TNC, criando um cargo dentro da Fundação para desenvolvimento comunitário, sem especificar as ações, permitiu aos técnicos e técnicas experimentar com as ideías que estavam formulando sobre participação, gênero, desenvolvimento e conservação.

Como contribuiu o enfoque de gênero à evolução do programa de desenvolvimento comunitário da Fundação Arcoiris?

A personalidade empreendedora das pessoas capacitadas por MERGE os levou a adotar as metodologias e técnicas participativas e de análise de gênero para criar formalmente a área de desenvolvimento comunitário da Fundação. Imediatamente, os técnicos conseguiram desenhar e conduzir novos projetos de desenvolvimento comunitário, dando ênfase ao fortalecimento sócio-organizativo comunitário e no manejo de recursos naturais a partir da perspectiva de gênero. Desse modo, iniciou-se a aplicação do enfoque de gênero nos projetos produtivos com as mulheres e os homens das comunidades, para a geração de renda e para diminuir a pressão sobre os recursos naturais.

Um desses projetos, foi o projeto de irrigação por aspersão que estava sendo executado. No início, notou-se que as mulheres não participavam das reuniões nem das atividades de instalação do sistema de irrigação por aspersão. Depois de uma análise de gênero, identificou-se que as mulheres tinham interesse em um sistema de aspersão mais pequeno para irrigar suas hortas familiares, ao contrário dos sistemas grandes aplicados pelos homens nos campos abertos. O projeto foi modificado, passando a contar com dois sistemas de irrigação por aspersão para suprir as necessidades das mulheres e dos homens. Além disso, capacitou-se um grupo de promotores (mulheres e homens) para fomentar habilidades na facilitação de cursos e oficinas sobre gênero, dentro do projeto.

Em 1997, a realização do curso "A importância do gênero no desenvolvimento rural" pela Universidade Técnica de Loja impulsionou Arcoiris no âmbito da capacitação sobre o tema. A experiência não foi fácil, visto que, inicialmente foi necessário mudar as estruturas de ensino já estabelecidas de uma instituição acadêmica. No início, não deu-se importância ao tema, visto que a audiência estava formada por técnicos e técnicas das áreas biológicas - florestáis e agronomos. Depois de duas semanas de curso, ganhou-se a credibilidade e atenção dos estudantes e

professores através do uso de técnicas participativas da MERGE e dos conceitos sobre gênero e manejo de recursos naturais. Como resultado, a universidade demonstrou interesse em realizar o mesmo curso cada ano, como requisito para os estudantes dessas faculdades.

Em Outubro de 1997, como produto do curso com a universidade, nasceu a iniciativa de formar um grupo de discussão integrado por instituições Lojanas com diferentes níveis de conhecimento sobre a variável gênero. Iniciou-se um inventário das organizações em Loja que trabalham com a variável gênero, resultando em dez organizações identificadas. Este grupo reune-se periodicamente com a finalidade de fortalecer a incorporação do enfoque do gênero nessas instituições.

A Fundação tem dedicado muito esforço em capacitar promotores e promotoras comunitários em habilidades de facilitação (aplicando as técnicas aprendidas no curso MERGE/FLACSO) e no manejo de recursos naturais com enfoque no gênero. A atenção dedicada a estes promotores tem resultado em que homens e mulheres realizem-se como pessoas e como líderes dentro da comunidade. Uma promotora manifestou que para ela era incrível poder capacitar homens da comunidade, visto que, isso não era um costume cultural. Eventualmente, nos cursos de promotores, eram as mulheres quem mais faziam perguntas.

Em um projeto de apicultura, as ações iniciais fizeram-se com as mulheres e os homens da comunidade. Mas, com a evolução do projeto, as mulheres foram evidentemente as mais aptas para manejar a colmeia e coletar o mel. Atualmente, o projeto tem muito êxito na comercialização de mel de abelha das zonas de bosque nativo junto ao parque.

Os desafios na institucionalização do gênero

No caminho para a institucionalização do gênero, como era de se esperar, apresentaram-se alguns desafios que as pessoas que levavam a bandeira do gênero tinham que enfrentar. A integração do enfoque de gênero tem sido desigual nas áreas de trabalho, por falta de conhecimento por parte dos técnicos e técnicas de outras áreas, tornando-se assim difícil a replicação do mesmo. A Fundação divide-se em dois campos geográficos para efetuar projetos de desenvolvimento: na zona de amortiguamento do Parque Podocarpus e nos bosques ocidentais da província de Loja. Na primeira zona, os projetos são manejados por técnicos capacitados em gênero. Enquanto que, nos projetos da segunda zona, os responsáveis pelos projetos não receberam uma capacitação formal sobre o tema. Essa divisão de técnicos e experiência tem criado uma desigualdade na qualidade dos projetos quanto à variável gênero.

Uma promotora manifestou que para ela era incrível poder capacitar homens da comunidade, visto que, isso não era um costume cultural.

Outro desafio tem sido como transmitir o conceito de gênero e sua importância para os diretores da instituição. As pessoas capacitadas têm poder de decisão dentro do âmbito de trabalho na área de desenvolvimento comunitário, mas não no nível das políticas institucionais. Todavia, elas têm conseguido criar uma maior sensibilização e aceitação por parte dos diretores em desenhar uma proposta conceitual e metodológica que inclui o enfoque de gênero. Esta proposta guiarará as atuais e futuras intervenções da fundação no âmbito do desenvolvimento e conservação. O processo de elaboração da proposta, iniciado pelos técnicos e técnicas dessa área, inclui compartilhar formalmente, através de capacitação, os conceitos e metodologias de análises de gênero, extensão participativa e facilitação. Depois a proposta será discutida com as outras áreas de trabalho, com o propósito de aperfeicoá-la e institucionalizá-la.

Além disso, uma vez que a Fundação tem projetos para efetuar com as comunidades, tem que enfrentar a pressão de produzir resultados concretos em pouco tempo, de acordo com a demanda dos doadores. Contudo, descobrem que o processo de integrar gênero, em um nível em que se apresentem produtos rápidos e completo, requer muitos insumos.

A Fundação também assume como desafio assegurar a estabilidade de emprego para os técnicos com o fim de manter uma continuidade na aplicação permanente desses conceitos e metodologias na instituição. Um exemplo de que estaõ dando passos em direção a uma política administrativa com

sensibilidade ao gênero, é que as mulheres e os homens que têm filho ou filha recebem um bônus de maternidade/paternidade.

O que se espera para o futuro?

Ainda há muito caminho para percorrer, mas o principal desafio no momento é o de promover o reconhecimento do trabalho de gênero realizado dentro de toda a instituição. O diretor tem muito interesse no tema já que tem sido evidente a atração que tem por parte dos doadores para a consecução de projetos. Por esse motivo, se reconhece a necessidade de retomar uma política de projetos comunitários com enfoque no gênero. Além disso, é vital que todos os técnicos e pessoal da Arcoiris assumam a responsabilidade de apoiar o processo de institucionalização do gênero. Sobretudo, a Fundação Arcoiris, nesse momento crucial de sua vida institucional, deve decidir sobre os futuros caminhos a empreender e assumir o plano estratégico que vai desenhar. À medida que tenha um maior êxito nos projetos, maior será a demanda de trabalho, e assim, maior será a necessidade de ter uma política clara sobre conservação e desenvolvimento com enfoque no gênero.

Introduzindo gênero em ECOCIENCIA: O caso da institucionalização do enfoque de gênero em ECOCIENCIA[4]

O que é EcoCiência?

- EcoCiência é uma entidade científica equatoriana, privada e sem fins lucrativos, fundada em 1989. Sua missão é "conservar a diversidade biológica através de pesquisa científica, a recuperação do conhecimento tradicional dos recursos naturais e a educação ambiental, promovendo formas de vida harmoniosas entre o ser humano e a natureza."
- EcoCiência executa projetos de pesquisa, de conservação e desenvolvimento no âmbito nacional. Na Reserva Ecológica Cotacachi-Cayapas, EcoCiência colabora com SUBIR, um projeto integrado de conservação e desenvolvimento com enfoque nas zonas de influência de várias áreas protegidas de destaque no Equador. O projeto objetiva provar que a conservação da biodiversidade, a longo prazo, pode ser combinada efetivamente com o desenvolvimento comunitário auto-sustentável. SUBIR é um projeto de CARE em coordenação com Wildlife Conservation Society, o Instituto Equatoriano Florestal e de Áreas Naturais (INEFAN)[5], as comunidades e ONGs locais, e financiado pela Agência dos Estados Unidos de Desenvolvimento Internacional (USAID).
- Um dos departamentos de trabalho de EcoCiência é o da pesquisa dirigida por Rocío Alarcon, biologa especializada em etnobotânica. Ela tem 20 anos de experiência em pesquisa sobre biodiversidade e manejo de recursos naturais, e participou no Curso Regional de Especialização "Comunidades, Gênero e Manejo Sustentável dos Recursos Naturais" realizado em Quitos em 1996. Rocío foi uma pessoa chave na institucionalização da variável gênero dentro de EcoCiência. Um processo que contou com o apoio dos diretores e técnicos dessa instituição.

O processo de institucionalização do gênero em EcoCiência contém vários aspectos interessantes para outras organizações ambientalistas que pensam em seguir esse caminho. Por um lado, EcoCiência foi sempre concebida como uma organização claramente de pesquisa científica biológica e de conservação da biodiversidade. Depois de vários anos de trabalho nessa linha, fez-se evidente a necessidade de relacionar-se e trabalhar com comunidades rurais, resultando numa incursão na área do desenvolvimento humano. Ao entrar no campo social, as dificuldades apresentadas aos investigadores os motivaram a questionar sobre conceitos antropológicos e metodologias participativas no trabalho com comunidades. Durante esse trajeto, depararam com a análise do gênero e todas suas implicações. Consequentemente, a instituição decidiu iniciar um processo para integrar o enfoque de gênero em todos os níveis institucionais.

A seguir relata-se a história desse processo na EcoCiência, as mudanças que nasceram fruto desse processo, e os desafios que se apresentarão no futuro.

Pensando sobre o conceito de gênero

Desde 1994, começou-se a comentar sobre gênero na EcoCiência porque havia um interesse muito grande, mas na realidade não existia uma racionalização do conceito. Em outras palavras, O que é gênero? Como institucionalizá-lo? Além disso, dois técnicos da institucionalização que haviam realizado estudos no exterior tiveram contato com o tema e o mencionaram como algo importante a ser considerado nas investigações e projetos. Porém, não havia executado-se ações concretas para institucionalizá-lo, nem realizado-se processos de capacitação, nem formulado-se projetos com esse enfoque.

Essas pessoas deram apoio para iniciar um processo na instituição, mesmo admitindo que não usariam a variável gênero em seus trabalhos pessoais. O então diretor executivo da instituição reconhecia as dificuldades que existiam no programa de pesquisa e a importância desse tipo de capacitação para resolvê-las. Além disso, as pessoas do departamento de pesquisa eram as únicas que trabalhavam com grupos humanos na etnobiologia e inventários biológicos. Essas pessoas consideravam esse um campo excelente para incorporar homens e mulheres no manejo de recursos. Havia um interesse pessoal por parte da diretoria do departamento de pesquisa, uma vez que trabalhavam no campo com o conceito. Mesmo que não tinham em mente um conceito formal de gênero, além da idéia dos conhecimentos de homens e mulheres sobre o meio ambiente.

Nesse mesmo ano, havia-se elaborado um documento sobre as áreas protegidas e como afetam aos grupos humanos, tendo como modelo a comunidade Cofan de Sinangoe na Reserva Ecológica Cayambe-Coca. Essa pesquisa refletiu o respeito ao conhecimento de homens e mulheres, e a análise, desde a perspectiva biológica e etnobotânica, de "quem sabe" relacionado com os habitats. Essa idéia foi aceita pela instituição, porém ainda faltavam as técnicas necessárias para a análise com enfoque no gênero. O importante desse período foi que haviam pessoas da instituição que estavam interessadas em apoiar um processo de incorporação de gênero, e outras que queriam aplicá-lo em seus trabalhos. Em nenhum momento surgiram barreiras internas para iniciar esse processo. Além disso, ao iniciar esse processo, EcoCiência pode resolver sua preocupação de incorporar gênero em seu programa de parabiologos e parabiologas.

1994... O importante desse período foi que haviam pessoas da instituição que estavam interessadas em apoiar um processo de incorporação de gênero, e outras que queriam aplicá-lo em seus trabalhos.

A capacitação de MERGE

O processo da institucionalização do gênero iniciou com o convite de FLACSO e MERGE para que EcoCiência participasse no Curso Regional de Especialização em comunidades, Gênero e Manejo Sustentável de Recursos Naturais, realizado em 1996. Um aspecto importante e atrativo do curso foi o conteúdo das metodologias para a análise de gênero. Em especial, durante a viagem de campo, realizada na província del Carchi, surgiu uma experiência de integração dos conhecimentos biológicos com os sociais para a elaboração dos transetos sociais (ver Cuadro No.1) A partir dessa interação, aplicou-se essa técnica nas comunidades onde EcoCiência trabalha.

A combinação de dois profissionais com muita experiência de campo em suas especializações criou um momento propício para a inovação de metodologias participativas com enfoque no gênero. Isto reforcou a hipótese de que necessita-se de pessoas com ampla experiência em suas especializações (biológica e social), para fazer inovações em termos de técnicas e metodologias. É necessário a capacitação intensiva e a longo prazo para fomentar essas inovações entre profissionais com muita experiência.

Outra vantagem do curso foi que nunca sentiu-se que havia uma hierarquia entre profissionais e estudantes, nacionais e estrangeiros, e nem entre idades. O seguinte gráfico ilustra a interação ocorrida (Figura No. 1).

Em um nível, estavam os instrutores nacionais e internacionais que partilhavam informação conceitual valiosa. Em outro nível, estavam os participantes que tinham muita experiência de campo, conhecimentos sobre a

Quadro No. 1. Relato sobre la integración de los conocimientos biológicos con los sociales para la elaboración de los transectos sociales.

Na visita a Carchi, trabalhou-se com o antropólogo Jorge Recharte na realização dos transetos. "Os transetos são muito comuns como instrumento de pesquisa biológica. Porém, sendo Jorge um antropólogo, ele tinha um outra perspectiva de transeto. Em Carchi, realizou-se um transeto da margem de um bosque, em uma chácara ou horta familiar. Nossa percepção era que as pessoas haviam perdido todo o habitat natural. Porém quando fizemos o transeto, surgiu a presença dessas margens de bosque nas divisas das chácaras. Trabalhou-se com as pessoas para saber o que era essa margem. Para os participantes do curso, a margem era somente uma cerca para delimitar o terreno, porém as pessoas locais tinham um conceito completamente diferente. Esse bosque significava uma fonte de madeira de primeira qualidade para lenha porque haviam árvores de diferentes espécies. A margem era um albergue para os animais silvestres, os quais garantiam fontes de alimentação para a gente local em certos períodos do ano. Também era proteção para os cultivos dentro da chácara. Em fim, surgiram quatro ou cinco conceitos para aplicar as diferentes metodologias, o que fortaleceu o conteúdo do curso. Ainda que mantinha-se a percepção de que o que estava dentro da chácara não era importante porque era um monocultivo, aprendeu-se que havia biodiversidade nas margens. Apartir disso, surgiram as seguintes perguntas: Quem tem o poder de decisão sobre a biodiversidade? O que significa biodiversidade? Significavam uma variedade de coisas para a gente local.

Foi muito impressionante trabalhar com uma pessoa que tinha uma perspectiva diferente, mas com um objetivo comun, e poder compartilhar o que cada um estava pensando sobre a paisagem e a biodiversidade. Surgiu uma idéia interessante de conectar a Reserva Ecológica El Angel com as margens das chácaras para fins de alimentação, uma vez que as margens continham comida para a gente local. Poderia-se construir caminhos para os animais com o fim de criar uma interação entre a reserva e as chácaras familiares. No final, conseguiu-se integrar os conceitos locais de desenvolvimento e de conservação na metodologia dos transetos." *(Relato textual de Rocío Alarcón da entrevista mantida)*

realidade do país no momento, e que podiam criar novas idéias e inovar com a informação recebida dos instrutores. Em outro nível, estava um grupo de estudantes jovens, recém-graduados das universidades, que tinham vontade de aprender e que possuiam as tendências novas que saem da academia. No meio, havia um grupo de profissionais jovens que tinham alguma experiência e campo e muitas dificuldades conceituais e metodologicas.

Então, havia um conjunto valioso de conhecimentos que foi o melhor que podia conter um programa de capacitação. Surgiu assim, uma rica discussão sobre conceitos e metodologias. Como produto disso, criou-se grupos com quem continua-se trabalhando e uma rede informal de comunicação.

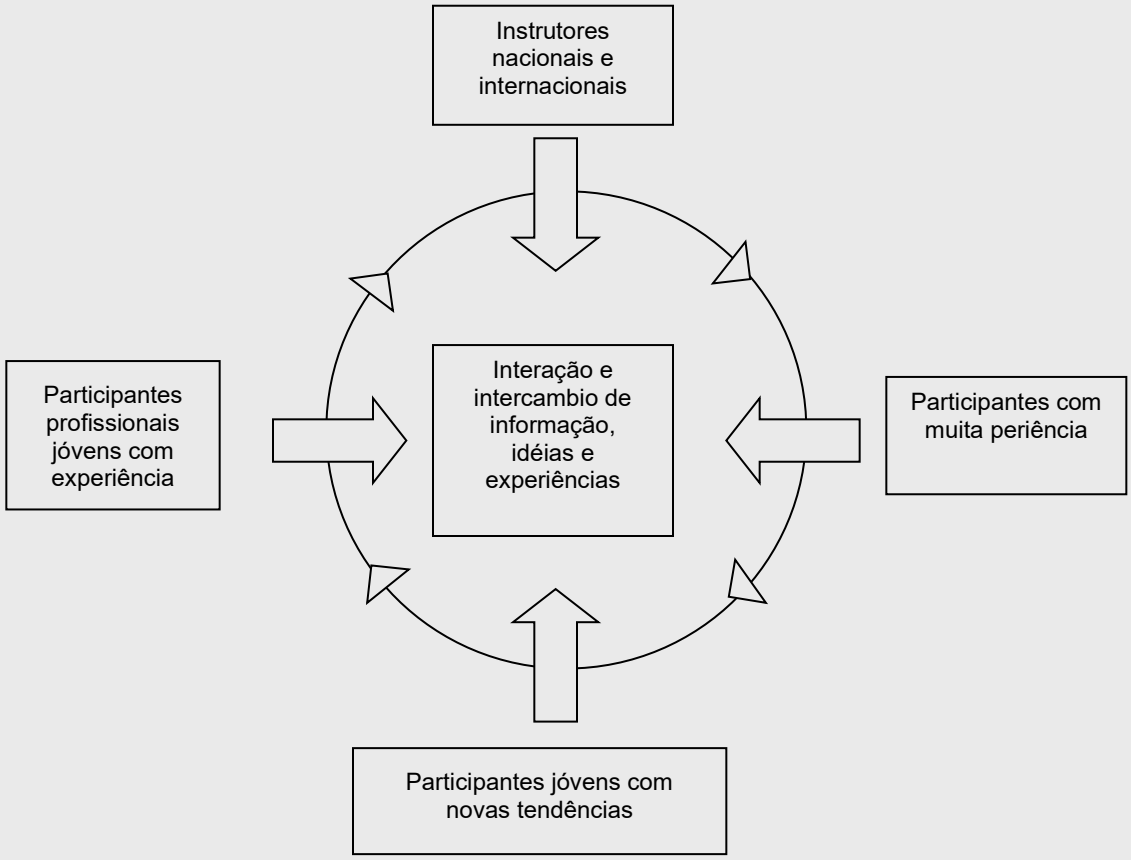
Os impactos da capacitação de MERGE sobre EcoCiência

Durante o transcorrer do curso, compartilhou-se as novas idéias com os quinze biólogos do departamento de pesquisa de EcoCiência. Discutiu-se como se poderia incorporar essas idéias em seus trabalhos, como por exemplo, nos mapas comunitários que estavam sendo desenvolvidos. Assim mesmo, no período de realização do curso, surgiram situações nos projetos de campo que requeriam a atenção imediata, e que representavam oportunidades para aplicar as técnicas recém-aprendidas. Por exemplo, na comunidade de Cuellaje, ao norte da Reserva Ecológica Cotacachi-Cayapas, existia uma atividade com quinze mulheres que tinham um banco genético em um jardim etnobotânico. EcoCiência aplicou novas técnicas para fortalecer o grupo e, em especial, para elevar a autoestima das mulheres. Dessa maneira, o grupo pode trabalhar independemente e capacitou outros grupos da zona de amortiguamento da reserva.

Isso não aconteceu sem dificuldades. Durante o curso surgiu um conflito entre as mulheres e os homens sobre a operação do jardim etnobotânico. Através de conversações informais e troca de idéias com alguém do curso, com anos de experiência no trabalho com gênero na perspectiva do fortalecimento das mulheres, geraram-se muitas idéias para apoiar o grupo de Cuellaje.

Nas palavras de Rocío, *"a aplicação desses conselhos ajudou com que, transcorridos dois anos, o grupo continue trabalhando. As mulheres têm uma renda, um jardim botânico rico com insumos da zona e um banco genêtico. Elas têm conseguido a interação com os homens, que agora as ajudam com a captação de água e com a mão de obra para construir barreiras para o jardim.*

Figura No. 1. A interação no curso FLACSO/MERGE



Os esposos aceitaram a idéia porque percebem a geração de dinheiro, e consideram que as mulheres já não estão desperdiçando tempo. Eles construiram um espaço para as reuniões (antes reuniam-se na rua), e cuidam das crianças enquanto as mulheres estão nas reuniões. Em síntese, a interação com as pessoas do curso durante um conflito na área de trabalho de EcoCiência permitiu formular as estratégias necessárias para manejá-lo."

Ao término do curso de capacitação FLACSO/MERGE, EcoCiência começou a aplicar as seguintes idéias:

1. Mudar a missão/visão da instituição para que reflita o conceito de gênero.
2. Mudar o manual de procedimentos administrativos para incorporar considerações de gênero
3. Acompanhar estas ações com um processo de capacitação para o pessoal da instituição.
4. Formular projetos incorporando a perspectiva de gênero.

Como continou o processo de institucionalização depois do curso?

Antes do curso havia só um profissional em ciências sociais colaborando com a instituição, porém, posteriormente produziu-se uma verdadeira revolução:

- Iniciaram-se projetos incorporando mais pessoas da área social, uma vez que conseguiu-se financiar um projeto através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento para aplicar o enfoque do gênero, e valorizá-lo dentro dos projetos com as comunidades.

- O Projeto SUBIR propunha a EcoCiência elaborar uma estratégia de gênero, a qual foi aceita pelo projeto e compartilhada pela sede de CARE International em Dinamarca e outros atores. EcoCiência responsabilizou-se pelo componente de gênero em todas as atividades do projeto SUBIR.
- Ao nível de campo, EcoCiência trabalha com quinze parabiologos. Com o curso de FLACSO/MERGE conseguiu-se romper o esquema estabelecido. Os técnicos locais das comunidades aceitaram que uma mulher seja parabiologa. Durante o primeiro congresso de parabiologos e paratécnicos, pela primeira vez participaram grupos de mulheres que tiveram seu espaço e foram ouvidas durante os debates.
- Começou-se a capacitação em gênero de técnicos de outras instituições através do Projeto SUBIR. Como é o caso de quinze técnicos da Fundação Jatun Sacha, uma organização privada sem fins lucrativos. Imediatamente, a Fundação Jatun Sacha e EcoCiência aplicaram as técnicas de gênero nas ações do projeto, um processo que continua até agora. Ao final, capacitaram-se cerca de 80 pessoas, internas e externas à instituição.
- Na zona alta da Reserva Cotacachi-Cayapas organizou-se uma oficina para as pessoas das comunidades. No início, os técnicos questionavam: Que direito temos de entrar na comunidade com a mensagem sobre gênero? De qualquer maneira realizou-se a oficina com a gente local. Também assinou-se um documento entre homens e mulheres no qual reconheceu-se que deve-se valorizar os conhecimentos sobre o meio ambiente de ambos os sexos, para que se possa tomar decisões sobre o mesmo. Por exemplo, no âmbito nacional, como parte do projeto SUBIR, criou-se um grupo de cultivadoras e tecelãs de palha para fazer chapéu. Não pelo conceito feminista, mas para abrir um espaço que permita conhecer o valor da mulher na produção de chapéu de palha.
- Começou-se a trabalhar com homens e mulheres para identificar que espécies deviam ser protegidas nas zonas de aproveitamento florestal. Os resultados foram extraordinários porque concluiu-se que os homens queriam proteger zonas de caça e as mulheres as zonas de sub-bosque. Do mesmo modo, em geral, aos homens interessava proteger a zona alta do bosque e as espécies madeireiras. Às mulheres interessava o sub-bosque e suas espécies utéis (lianas, arbustos e ervas). Depois de fazer esse exercício com homens e mulheres, desenharam-se as zonas de aproveitamento florestal baseando-se na perspectiva das dificuldades de homens e mulheres. Era a primeira vez que os mapas de aproveitamento florestal continham zonas de proteção que refletiam a perspectiva de homens e mulheres. A conclusão é que ao reconhecer o conhecimento de homens e mulheres para proteger um recurso, está reconhecendo-se a proteção de toda a biodiversidade.
- Por meio de estudos etnobotânicos, observou-se que em parcelas trabalhadas só por mulheres e em outras trabalhadas só por homens o nível de biodiversidade é baixo. Enquanto que em estudos similares realizados em parcelas onde homens e mulheres trabalham juntos, observou-se que enquanto as mulheres conhecem todas as ervas e cultivos de curto ciclo, os homens sabem sobre a produçao de caçau e café. Então, o modelo ideal é que os conhecimentos de homens e mulheres unam-se para que possam trabalhar em conjunto em um espaço determinado, e assim conseguir segurança alimentar. Essa é a hipótese que está aplicando-se no projeto SUBIR: a integração do trabalho de homens e mulheres e a união de seus conhecimentos para a produção nas parcelas.
- Além disso, estão realizando-se transetos a partir da perspectiva biológica. Nestes se tem encontrado cerca de 220 espécies de aves, e quase o mesmo número de mamíferos que no bosque em parcelas trabalhadas por homens e mulheres. Isso é diferente nas parcelas que são manejadas só por homens ou só por mulheres. A razão é que nas parcelas trabalhadas por homens e mulheres, as mulheres insistem em deixar um borda na parcela de três a quatro metros com diferentes variedades de plantas. Isso cria um habitat adequado para atrair mais mamíferos, e as pessoas, especialmente, mulheres, podem caçar muitos roedores para o consumo familiar sem necessidade de deslocar-se para muito distante.

- A hipótese de biodiversidade mudou depois da experiência com MERGE, e tem sido validada por biológos, florestais e agrônomos, uma vez que o que se tem feito é estudar os espaços do ponto de vista do gênero.

Na instituição começou-se com apenas a menção da palavra gênero. Hoje conseguiu-se incorporar essa variável em todos os níveis da instituição. EcoCiência decidiu não criar uma área específica de gênero porque a responsabilidde de aplicar o enfoque de gênero deve ser de todos e não somente de um departamento ou uma pessoa. O modelo viável para EcoCiência tem sido interessante porque um grupo de atores está integrando o enfoque pouco a pouco, e cada um está assumindo sua responsabilidade de duas maneiras; aplicando o enfoque de gênero, ou apoiando sua incorporação, ainda que não aplique diretamente.

O futuro do trabalho de EcoCiência com gênero

Considera-se que ainda há muito a fazer, porém se tem conseguido mudanças concretas como parte do processo:

1. Mudou-se a missão/visão da instituição para refletir uma política de gênero
2. Modificou-se o manual de procedimentos administrativos para incorporar assuntos de igualdade de gênero.
3. Em cada área de trabalho desenham-se projetos com a variável gênero e
4. Buscam-se espaços de capacitação sobre o tema para o técnicos.

O ano de 1998 foi de reflexão, durante o qual perguntou-se: Por que incluimos essa variável e que efeitos estão sendo produzidos? Deseja-se continuar implementando a variável gênero porque a instituiçao está convencida, em especial as trinta pessoas que trabalham no departamento de pesquisa, que a sustentabilidade ambiental, econômica e social depende da variável gênero. Considera-se necessário continuar capacitando o pessoal, mas necessita-se medir os efeitos para aprender mais sobre o conceito de gênero e sua aplicação. Atualmente, o projeto SUBIR está desenvolvendo um modelo no qual se faz um análise dos efeitos da incorporação do enfoque de gênero. Comparou-se as comunidades que têm trabalhado com SUBIR e as comunidades que não têm trabalhado com SUBIR , verificado quais tem sido os efeitos.

Além disso, é necessário aprofundar sobre os seguintes temas:

- **A conservação, biodiversidade e manejo de recursos naturais desde o enfoque de gênero.** É necessário perguntar: Para que conservação? Para quem?
- **A aplicaçao de gênero no desenvolvimento social.** Mesmo que EcoCiência esteja trabalhando no âmbito do desenvolvimento social, ela o faz principalmente dentro da perspectiva da conservação. Necessita-se aprofundar mais sobre a perspectiva do desenvolvimento, e como o gênero pode apoiar os processos de desenvolvimento que estão ligados com a biodiversidade. A tendência histórica do país tem sido o desenvolvimento baseado na exploração dos recursos naturais, e o fortalecimento de determinados grupos que não são necessariamente as mulheres. Por exemplo, na zona da Cotacachi- Cayapas, a venda de madeira empobrece aos grupos locais e os mais prejudicados são as mulheres e as crianças. Na Amazônia, o petróleo e os monocultivos ajudam na perda da biodiversidade e o empobrecimento do povo local.
- **A planificação e o enfoque de gênero.** Por exemplo, como integrar a variável gênero nos planos de manejo e analizar como essa variável pode contribuir com a sustentabilidade desses planos.
- **Interagir com as outras pessoas que participaram do curso** para medir os efeitos do gênero na conservação e desenvolvimento. Isto implicaria realizar uma análise de estudos de caso na Amazônia, Sierra, Costa e Galapagos, para saber o que ocorre em cada uma dessas regiões com a variável gênero, considerando-se que as condições, os atores e os interesses são distintos. Por exemplo, poderiam-se medir os efeitos do gênero na exploração petrolífera na Amazônia. Na zona andina se poderia analisar como o gênero influencia nos usos do páramo; um estudo iniciado em Antisana e que poderia estender a outras comunidades locais.

A última atividade iniciada tem sido a criação de um espaço de discussão interna entre um grupo de cinco pessoas que estão

trabalhando com a variável gênero no campo. O grupo convida outras pessoas para compartilhar idéias e experiências sobre gênero, para fortalecer ao grupo e à instituição. Nesse ano, realizaram-se quatro reuniões e no futuro planeja-se continuar com essas discussões.

EcoCiência começou um processo que nunca acabará. Conseguiu-se mudanças concretas quanto à integração de gênero nas políticas e estratégias de trabalho da instituição. Como uma organização de pesquisa científica e de conservação da biodiversidade, o caso proporciona exemplos concretos para que outras instituições com objetivos similares possam adaptar a sua realidade. Os projetos eventualmente terminam e muitas vezes os técnicos mudam de área de trabalho, porém ficam para sempre os impactos profundos causados pela aplicação da variável gênero nas mulheres e nos homens das comunidades.

Sonhando com gênero[6] O processo de integração do gênero no Instituto Quichua de Biotecnologia do Equador[7]

"Somos um grupo de sonhadores...."

As mulheres e os homens da comunidade de Yanayacu, no extremo sul da província de Pastaza, estão resgatando os conhecimentos de seus ancestrais e enriquecendo-os com o enfoque de gênero, para assim manejar a biodiversidade de seu território de cerca de 120.000 hectares. Esse processo tem o apoio de Instituto Quichua de Biotecnologia, uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1992. Essa organização é manejada por profissionais indígenas, principalmente das ciências naturais (florestais, agrônomos, etc.) e um das ciências sociais - uma antropóloga.

Desde sua criação, um dos objetivos do IQB tem sido o de construir um modelo de desenvolvimento sustentável baseado no manejo dos territórios comunitários, seus ecosistemas e biodiversidade, através do conhecimento indígena, aplicando metodologias participativas no manejo dos recursos de flora e fauna, e na recuperação do conhecimento ancestral. Embora não tendo recebido uma instrução formal sobre conceitos e aplicação da análise de gênero, a natureza de seu trabalho com as comunidades indigenas indicou que haviam diferenças entre os sexos no conhecimento e manejo da biodiversidade, e dos espaços dos territórios. Mesmo assim, sentiram a necessidade de empreender um processo de aprendizado entre os técnicos e técnicas, e com as comunidades para integrar o enfoque de gênero na base de seu trabalho.

Sendo uma organização que quer convivir com as comunidades onde trabalha, não existe uma estrutura burocrática do IQB com o pessoal administrativo ou bens adquiridos. Cada técnico vive e trabalha em uma comunidade (geralmente, o técnico é proviniente do próprio sítio), e gera projetos através do IQB para serem executados. Por isso, é muito importante uma boa comunicação entre todos os colaboradores para que possam compartilhar práticas e metodologias de análise. Toda essa acumulação de experiências tem contribuido para que IQB avance no campo da conservação da biodiversidade. Ao mesmo tempo, assegura direitos ancentrais dos indígenas e o resgate de suas tradições.

Como a capacitação de MERGE influenciou o trabalho do IQB?

Em 1996, dois técnicos do Instituto receberam a capacitação de MERGE através do Curso Regional de Especialização "Comunidades, Gênero e Manejo Sustentável dos Recursos Naturais", oferecido por FLACSO. Foi interessante que um florestal, Victor Vacacela, e uma antropóloga, Rosa Vacacela, ambos do IQB, participaram no curso e adotaram o conceito de gênero a partir das diferentes perspectivas de suas formações profissionais. Como política do IQB, cada pessoa capacitada tem a obrigação de aplicar os novos conhecimentos na prática e socializá-lo com o resto da equipe. Esses conhecimentos extenderam-se ao resto da equipe técnica

Como política do IQB, cada pessoa capacitada tem a obrigação de aplicar os novos conhecimentos na prática e socializá-lo com o resto da equipe.

através da realização de uma oficina de capacitação sobre gênero e manejo de recursos naturais, dirigido a técnicos indigenas do IQB e colaboradores de outras instituições, como a Organização dos Povos Indígenas de Pastaza (OPIP). Como resultado do curso aprofundou-se mais sobre o tema do resgate dos conhecimentos de mulheres e homens, objetivando uma melhor conservação e administração da biodiversidade da Amazônia.

Através da aplicação do enfoque de gênero, o IQB conseguiu formular novas estratégias para conseguir de maneira mais eficiente a conservação da biodiversidade, incentivando a participação equitativa e o conhecimento ancestral de mulheres e homens. Como um dos resultados da integração do enfoque de gênero nos projetos do IQB, chegou-se a conclusão que as mulheres têm um maior conhecimento sobre as espécies de frutas e palmeiras de bosque. Inicialmente, planejava-se realizar um processo de pesquisa e seleção de espécies a serem cultivadas no território. Porém haviam dúvidas sobre com quem trabalhar nesse projeto. Depois de realizar oficinas com a comunidade, estabeleceu-se que quem tem um maior conhecimento sobre as espécies, e quem coleta e seleciona as sementes no bosque são as mulheres, com a ajuda das crianças. Enquanto que a coleta de sementes de árvores grandes, o que implica em subir na árvore para pegar os frutos, é realizada por homens jovens. A seleção das sementes de qualidade e o cultivo é feito somente pelas mulheres maiores, aquelas que são consideradas na família e na comunidade que possuem o paju[8].

Uma vez feito esse reconhecimento, reorientaram-se as atividades do projeto de manejo de recursos fitogenéticos do bosque amazônico, realizando uma divisão de tarefas entre as mulheres e os homens, de acordo com suas habilidades e conhecimentos. Com a inclusão do enfoque de gênero através das técnicas aprendidas com MERGE, estabeleceu-se a divisão do espaço do território da comunidade e dos ecosistêmas, além do acesso, uso e controle dos recursos existentes nesses espaços, de acordo com gênero e gerações.

Do mesmo modo que na coleta de sementes do bosque, identificou-se diferencas em gênero no estabelecimento dos víveros e plantação de cultivos. No início do projeto, somente as mulheres eram responsáveis por todas as atividades; depois da análise de gênero, replanificou-se as responsabilidades segundo as habilidades e os conhecimentos das mulheres e dos homens. Agora quem participa no transporte das sementes do bosque para o sítio de semeadura, assim como na preparação do solo e das escavações para a plantação das espécies são os homens (devido ao esforço físico requerido). Enquanto que as mulheres são responsáveis pela semeadura e manutenção dos cultivos, já que são elas que possuem o paju.

Desse modo, não mudou-se necessariamente a concepção sobre o que é a conservação, mas mudaram as estratégias para conseguí-la, potencializando a participação de mulheres e homens, e recuperando o conhecimento ancestral para fortalecer a conservação da biodiversidade. O inventário de recursos nas chácaras (hortas familiares), realizado em 1993 na comunidade de Yana Yacu, mostrou que havia uma diversidade pobre, o que indica que estava-se perdendo o manejo tradicional da chácara. Sabia-se que as mulheres possuiam o conhecimento do manejo dos recursos fitogenéticos nas chácaras, - porém com a análise dos resultados dos inventários e da incidência das relações de gênero no acesso, uso e controle dos recursos da chácara -, um dos aspectos que se revelou foi que as mulheres idosas eram quem possuiam maior conhecimento sobre estes recursos e seu manejo.

O IQB empreendeu um processo para resgatar o conhecimento das anciãs sobre o sistema de manejo da chácara tradicional quechua-amazônica, a qual contém uma significativa diversidade de flora e fauna, que é vital na economia da família. Essa chácara é manejada de tal maneira que, um espaço de menor diversidade tranforma-se em um espaço que representa um bosque secundário com maior diversidade biológica, com espécies de frutas, palmas e plantas medicinais. Em uma chácara, no início, semeia-se yuca, tuberculos, frutas e espécies de ciclo curto; e no perímetro da chácara cultivam-se espécies de palmas com espinhos, de ciclo largo, para o controle de pragas (por exemplo *Bactris gasipaes*, *Astrocaryum vulgare* entre outras). Na medida em que coletam-se os cultivos de ciclo curto, semeiam-se novas espécies de ciclo longo em

toda a área da chácara, até que transforma-se em um ushum, de onde pode-se coletar frutas, certas espécies de palmas, espécies medicinais, yuca e plátano.

Depois de oito anos de crescimento, esse bosque secundário ou purum converte-se em um lugar rico em espécies de árvores grandes, palmas, e frutas. Em especial, existe uma grande variedade de fauna atraída pelos frutos de que se alimentam. O espaço fora do purum é manejado por homens, mas o interior é um espaço no qual as mulheres coletam alimentos para a familia, e onde os jovens aprendem a caçar. A caça é vital para a sobrevivência da família e o mantimento das tradições quichuas. Isso representa não só uma conquista na manutenção da biodiversidade, mas também, maior controle e acesso aos recursos por parte das mulheres. Eventualmente, contempla-se a comercialização desses produtos para que represente a participação das mulheres, a qual espera-se melhore sua posição social na comunidade.

Os técnicos do IQB demoraram algum tempo para identificar as sutilezas desse complexo processo. A antropóloga da equipe entendia por que as mulheres são tão importantes nesse processo, mesmo assim, foi muito difícil para os técnicos agrônomos compreender a magnitude do papel das mulheres, e como fomentar esse papel para o bem da comunidade. Foi incrível notar que em uma oficina interna do IQB, esses técnicos que inicialmente estavam resistentes em aceitar essa idéia, apresentaram com orgulho como haviam aplicado o enfoque de gênero em seus projetos.

Outro exemplo onde o enfoque de gênero tem sido útil para ressaltar o menos visível, tem sido no manejo de áreas de moretales (moritia flexsosa), que são sítios de reprodução de fauna como mamíferos, aves e répteis. Para os homens, essas áreas são zonas de caça, porém para as mulheres algumas dessas áreas são excelentes para a coleta de sementes. O uso diferenciado de recursos nessas áreas cria um problema. A coleta de sementes e frutas implica no corte de algumas palmeiras, causando uma diminuição na fauna e afetando assim as possibilidades de caça. Esse conflito potencial, causado pelo uso diferenciado por gênero de uma área de moretales, foi analisado em uma série de oficinas com os técnicos e técnicas do IQB.

Fazer visível o que estava invisível através da análise de gênero é chave para que IQB possa alcançar sua meta de conservar a biodiversidade na Amazônia, e resgatar os conhecimentos ancestrais.

Nas oficinas, se propôs uma norma de manejo na qual analizou-se cada recurso segundo seu uso entre os sexos. Desenvolveu-se um calendário fenológico para plantas e frutas, e identificou-se as condutas reprodutivas da fauna (principalmente papagaios, pavões e anta). Através da participação das mulheres e dos homens, conseguiu-se estabelecer um calendário de uso desses recursos para evitar conflitos.

O que espera-se para o futuro?

A institucionalização do enfoque de gênero no caso do IQB aconteceu com a comunidade fazendo as estruturas organizativas internas próprias do povo quichua, através dos projetos e programas efetuados pelos técnicos capacitados em gênero. Tem conseguido-se inserir o enfoque de gênero no nível dos projetos. Em vista de que, o IQB não tem um corpo burocrático, ele não integrou-se nos níveis administrativos, nem na missão institucional. Pelo contrário, o que se deseja é elaborar um marco teórico do manejo dos recursos naturais com o enfoque de gênero a partir da perspectiva indígena.

A seguir listam-se alguns dos sonhos dos profissionais do IQB:

- Continuar a capacitação em gênero, não somente para o IQB, mas também para os membros das outras quatro instituições que colaboram com o IQB.
- Elaborar os planos de manejo de três comunidades quichuas em áreas estratégicas para a conservação da biodiversidade. Isso implica formular uma proposta de manejo de recursos com um enfoque de gênero.
- Formular uma norma para o manejo da biodiversidade no território quichua de Pastaza.
- Continuar com o manejo da biodiversidade com o enfoque de gênero, especialmente com plantas medicinais silvestres, nos jardins botânicos que as

mulheres manejam com o apoio dos homens.

- Continuar com os estudos sobre a biodiversidade e conhecimento ancestral diferenciado por gênero, para trabalhar com mais três comunidades.

Fazer visível o que estava invisível através da análise de gênero é chave para que IQB possa alcançar sua meta de conservar a biodiversidade na Amazônia, e resgatar os conhecimentos ancestrais. Dessa maneira, os técnicos podem continuar sonhando em como promover a conservação da biodiversidade através do resgate dos conhecimentos ancestrais de mulheres e homens indígenas.

Análise comparativa dos casos

O propósito desse documento é o de apresentar as experiências de como três organizações, dedicadas à conservação da biodiversidade com a participação comunitária, incorporaram a perspectiva de gênero em suas instituições, programas e projetos. Os esforços que cada uma dessas instituições tem realizado servem de aprendizado para outras instituições que desejam empreender iniciativas similares. Na análise comparativa, é importante considerar três elementos chaves do aprendizado: o metodológico, que são as técnicas e conceitos que aprendemos; o institucional, que é a relação entre uma pessoa e seus colegas; e o pessoal, que é a pessoa, seu cônjuge e sua familia. E necessário receber capacitação no metodológico para fazer uma reflexão analítica sobre o institucional, e dessa maneira pode-se assimilar as experiências pessoalmente. Do mesmo modo, nossas percepções pessoais podem influir muito em como vemos o metodológico e o institucional (Rani Parker 1995). Ao analisar esses elementos nos damos conta de como a institucionalização do gênero afetou o institucional, o metodológico e o pessoal nos três casos estudados.

Centramos a análise comparativa em vários temas que surgem dos três casos. Mesmo sendo possível continuar analisando os casos a partir de outros pontos de vista, elegemos os temas que consideramos abordam melhor as lições aprendidas.

Missão institucional e motivos da institucionalização do gênero

Cada uma das instituições estudadas foi criada antes de entrar em contato com o programa MERGE (antes de novembro de 1994). As três instituições compartilham o compromisso de conservar a biodiversidade como um aspecto de sua missão institucional. Porém, cada uma dessas instituições tem uma maneira distinta de empreender essa tarefa. A Fundação Arcoiris integra princípios e ações de desenvolvimento sustentável dentro de seus programas de conservação. O IQB mantém a necessidade de desenvolver e preservar as comunidades indígenas para conseguir a conservação da biodiversidade na Amazônia. EcoCiência, mesmo não tendo um mandato explícito de efetuar projetos de desenvolvimento comunitário, respeita intimamente o conhecimento das mulheres e dos homens, e valoriza sua participação ativa nos processos de conservação.

A ênfase de integrar o enfoque de gênero nos programas e projetos dessas instituições começou logo depois de suas criações. Cada instituição empreendeu um processo de incorporação do enfoque de gênero por razões comuns: desejavam fazer mais eficaz seu trabalho de conservação da biodiversidade, através de uma participação comunitária ativa. Ao aplicar a perspectiva de gênero em seus projetos puderam contribuir para uma participação mais equitativa, considerando os grupos mais invisíveis das comunidades. Mesmo que os doadores dessas organizações deram ênfase na incorporação da perspectiva do gênero em seus projetos, é interessante ressaltar que nenhuma instituição iniciou esse processo por pressões externas.

As pessoas que impulsionaram o processo

Um estudo comparativo, realizado em 1989, demonstra que nessa época, o sexo da pessoa que liderava os processos de integração de gênero foi um fator que influenciou sobre como e com que intensidade realizou-se o processo (Poats e Russo:1989). Nos casos que foram estudados durante esse período, os processos mais intensos de capacitação e integração da perspectiva de gênero foram desenvolvidos por mulheres, e em muitos casos por mulheres que ocupavam altos cargos de direção.

Em cada uma das instituições apresentadas nesse artigo, as pessoas que iniciaram o processo de ressaltar a importância do gênero foram formalmente capacitadas através do programa MERGE, sem contar com um maior conhecimento anterior sobre o tema. Curiosamente, três das quatro pessoas capacitadas vem das ciências biológicas (dois engenheiros florestais e uma botânica) e uma antropóloga. Adicionalmente, existe um equilíbrio quanto ao sexo das pessoas. Dois homens e duas mulheres foram capacitados e assumiram o compromiso de incorporar gênero no nível institucional.

Nessas três instituições, o cargo dentro da instituição e a personalidade da pessoas tem sido os fatores que têm influenciado em como se tem incorporado gênero, não o sexo das pessoas. No caso da Fundação Arcoiris, um engenheiro florestal, Bolívar Tello, foi extensamente capacitado e foi quem teve maior responsabilidade em integrar o enfoque de gênero como diretor de projetos. Porém, Bolívar não contava com a autoridade suficiente para influenciar em projetos fora de sua área de trabalho, e nas políticas administrativas da instituição. Todavia, seu papel como sócio fundador da instituição permitiu-lhe manter uma relação direta com o diretor executivo e a junta diretora para sensibilizá-los sobre o tema.

A pessoa capacitada e que assumiu o desafio de impulsionar um processo de incorporação de gênero na Fundação EcoCiência foi uma etnobotânica, Rocío Alarcon. Ela tem o cargo de diretora da área de pesquisa e é socia fundadora da instituição. Rocío tem suficiente autoridade dentro da instituição para influir nas altas chefias da instituição. Sobretudo, ela tem empenhado esforços para que as pessoas dentro de sua área de trabalho compreendam a importância de incorporar a perspectiva de gênero em suas pesquisas e atividades de campo. Desse modo, ela está assegurando que o enfoque de gênero ingresse nos níveis de campo, nos sítios de trabalho e nos níveis administrativos e gerencias.

O Instituto Quichua de Biotecnologia conta com duas pessoas, capacitadas em gênero através do programa MERGE, que tem colocado como um desafio a replicação de seus aprendizados entre todos os integrantes da instituição e colaboradores. Sendo que o IQB tem uma forma administrativa horizontal, sem hierarquias marcadas, e sem uma administração centralizada, a interação entre os profissionais técnicos e os extensionistas de campo é mais fácil. O engenheiro florestal, Victor Vacacela e a antropóloga, Rosa Vacacela, têm maior liberdade administrativa para impulsionar o enfoque de gênero na instituição, porém estão sujeitos às oportunidades de financiamento.

Em síntese, as personalidades e motivações de cada uma das pessoas têm sido o que tem dado impulso ao processo de integração de gênero. A abertura das diretorias das instituições facilita os esforçoes, porém a tenacidade pessoal de Bolívar, Rocío, Victor e Rosa tem ajudado muito nos resultados das iniciativas.

Criação de redes de apoio

É essencial ressaltar a importância que as redes de apoio e os intercâmbios de experiências tem em apoiar os processos de institucionalização do gênero. O curso de especialização de MERGE/FLACSO criou uma rede de apoio, e propiciou um intercâmbio enriquecedor de experiências entre participantes de diferentes áreas profissionais e organizações. Por exemplo, no Equador onde estão situados a maioria dos participantes do curso, eles mantém contato, ainda que esporádico, para dar apoio mútuo em seus trabalhos e compartilhar experiências. Esse documento é produto de uma rede de pessoas que se beneficiaram da capacitação e ainda estão no campo da conservação e desenvolvimento sustentável com enfoque no gênero.

As três instituições têm dado muita ênfase em integrar e criar redes de apoio com outras organizações, com interesse no mesmo tema. Na cidade de Loja, a Fundação Arcoiris impulsiona que outras organizações de conservação e de desenvolvimento rural integrem o enfoque de gênero em seus trabalhos. Desse modo se tem criado uma rede de intercâmbio para a capacitação e discussão sobre o enfoque de gênero. Igualmente, o IQB têm capacitado pessoas de organizações colaboradoras, e desse modo tem ampliado a rede de apoio em sua área de trabalho, na cidade de Puyo e nas comunidades onde executam projetos. EcoCiência promove a capacitação e o intercâmbio com seus colaboradores, como CARE, através do projeto SUBIR. Desse modo está construindo-se uma rede entre investigadores.

Apoio das direções e o nível de compromisso da instituição

Cada instituição analizada tem demonstrado, ao iniciar o processo de institucionalização do enfoque de gênero, diferentes níveis de apoio das diretorias e de compromisso com esse tema. Desde o início, inclusive antes de tomar parte da capacitação de MERGE/FLACSO, os diretores e outras pessoas (principalmente homens), de grande projeção dentro de EcoCiência, têm apoiado a idéia de integrar a perspectiva de gênero em seus programas e projetos. Por isso, eles apoiaram incondicionalmente a capacitação, e porteriormente o trabalho de Rocío. Desse modo, EcoCiência tem demonstrado um alto nível de compromiso explícito de institucionalizar a perspectiva de gênero em todos os âmbitos da organização. Além disso, tem recebido reconhecimento de outros colaboradores (principalmente CARE) por seu trabalho. Esses colaboradores propõem que EcoCiência seja encarregada da capacitação no tema.

Porque Victor e Rosa são sócios fundadores do IQB e têm muita influência sobre os projetos executados e desenhados, e devido à existência de um sistêma administrativo horizontal, menos esforços são investidos em convencer diretores. Além disso, o alto compromiso pessoal que eles têm, alimenta o compromiso institucional. De qualquer maneira, a busca contínua de fontes de financiamento não permite um processo sistemático e a longo prazo. Para compensar essa realidade criou-se uma forte base de apoio dentro da instituição entre os técnicos, extensionistas e os colaboradores de outras instituições. Mesmo que no início houve certa resistência, essa foi eliminada através da capacitação e da aplicação do enfoque de gênero no campo.

O diretor executivo da Fundação Arcoiris está convencido da importância de integrar gênero nos programas, porém ainda não se tem dado um mandato explícito para todas as áreas de trabalho da instituição. Mesmo que Bolívar tem tido êxito em repassar conhecimentos as pessoas com quem trabalha diretamente, e as pessoas das comunidades que colaboram nos projetos, requer-se maiores ínsumos para iniciar um processo mais explícito e a longo prazo. É possível que qualquer resistência existente possa ser eliminada através de uma maior sensibilização e compreensão sobre o tema.

Políticas institucionais e administrativas de gênero

EcoCiência tem sido a única das três instituições que tem mudado formalmente sua missão para refletir seu compromisso de integrar gênero na instituição. Inclusive, está considerando adotar políticas administrtivas para incorporar gênero, como por exemplo, estabelecer políticas sensíveis às famílias dos empregados. Isto implica na criação de políticas de maternidade e paternidade. Esses ainda são temas de discussão para a área administrativa da instituição, mas com certeza são inovadores. As outras instituições ainda não chegaram a esse nível de integração de gênero. Porém, certamente, será o seguinte passo, uma vez que o enfoque está inserido no trabalho técnico, porque é natural que o trabalho metodológico afete o pessoal e a maneira como nos relacionamos com nossos colegas.

As três instituições têm uma estratégia de integração de gênero em comun: é responsabilidade de todos e não um esforço centralizado em uma pessoa ou unidade.

Integração de gênero os programas de trabalho

As três instituições têm uma estratégia de integração de gênero em comun: é responsabilidade de todos e não um esforço centralizado em uma pessoa ou unidade. A Fundação Arcoiris não responsabilizou somente uma pessoa em incorporar o enfoque de gênero. Ao contrário, Bolívar com sua equipe está tratando de manter um eixo transversal de gênero em todos os projetos. EcoCiência não tem uma pessoa ou unidade responsável pelo tema gênero, mas com o estímulo de Rocío e o apoio dos outros diretores, contratou-se mais pessoas das ciências sociais (que reconhecem a importância de integrar gênero) para que juntem-se a equipe. IQB também não conta com uma unidade ou pessoa centralizada para o efeito.

Capacitação em gênero

Nos três casos, a capacitação de MERGE em gênero foi um momento chave para iniciar esforços mais intensos na institucionalização do gênero. Em EcoCiência e Arcoiris existia um interesse quase teórico sobre o tema que fortaleceu-se e concretizou-se depois da capacitação de Rocío e Bolivar, através de MERGE. Depois do processo de capacitação, Victor e Rosa perceberam que os trabalhos anteriores que fizeram na Amazônia integravam um enfoque de gênero, mesmo que eles não eram assim chamados. O que é lógico, sendo que sua política de trabalho é muito participativa, requerendo esforços para involver ativamente e igualmente homens e mulheres.

O que as quatro pessoas capacitadas com MERGE expressam é que o estilo de capacitação teve um impacto muito positivo e duradouro neles, pessoalmente e profissionalmente. Rocío expressou melhor quando manifestou que a participação de pessoas com muito anos de experiência, outros profissionais jovens e outras pessoas recém graduadas da universidade foi uma combinação ideal para criar um ambiente propício para o aprendizado, e para a inovação de conceitos e métodos. Esse ambiente creativo motivou os integrantes a transmitir os conhecimentos adquiridos a outros colegas em suas instituições.

O que as quatro pessoas capacitadas com MERGE expressam é que o estilo de capacitação teve um impacto muito positivo e duradouro neles, pessoalmente e profissionalmente.

Planificação do futuro

Cada uma das instituições tem planos de intensificar a incorporação de gênero em seus programas e projetos. Cada pessoa que iniciou esse processo tem um interesse pessoal e profissional de assegurar a continuação de processos a longo prazo para inserir o enfoque de gênero. Bolívar ressaltou que é importante que muitos doadores têm dado muita ênfase na inclusão de gênero nos projetos de manejo de recursos naturais e desenvolvimento comunitário. Dessa maneira, a Fundação Arcoiris pode contar com o apoio financeiro e político para empreender processos a longo prazo. EcoCiência e IQB também estão adotando medidas para incorporar gênero em seus projetos e políticas institucionais.

Lições aprendidas

Os três casos estudados demonstraram várias lições valiosas que são utéis para outras instituições que desejam iniciar processos de institucionalização de gênero.

1. É necessário que a institucionalização de gênero conte com o aval dos diretores da instituição. A combinação de uma pessoa ou pessoas, no nível de tomada de decisão, que apoiam as idéias sobre gênero na instituição, a personalidade das pessoas liderando a estratégia, e um programa efetivo, melhoram o impacto dos esforços do enfoque de gênero (Poats e Russo:1989). No caso de EcoCiência, Rocío contava com o diretor e outras pessoas chaves na instituição, que apoiavam incondicionalmente seu trabalho. Além disso, seu cargo como diretora da área de pesquisa, sua personalidade e o apoio do programa de CARE para continuar com seus esforços de gênero, resultou em um impacto muito positivo na institucionalização do gênero. Assim mesmo, outros fatores como a vontade, tenacidade, personalidade e o gênero da pessoa são chaves para que o esforço de integrar o enfoque de gênero seja positivo e tenha êxito.
2. Um programa sistemático e contínuo de capacitação de gênero é importante para dar respaldo as ações de campo. Além disso, é chave replicar as experiências positivas e capacitar aos capacitadores. Para isso, é necessário contar com os fundos necessários para uma adequada capacitação, sendo que pode ser muito caro. Mesmo que nenhuma das três instituições tenha um programa formal de capacitação em gênero, cada pessoa capacitada por MERGE investiu muito esforço em replicar seu aprendizado com seus colegas e colaboradores. As três instituições têm realizado eventos de capacitação em gênero, os quais têm sido muito bem recebidos pelos técnicos de

campo, investigadores, extensionistas e colaboradores institucionais. É importante que esses esforços não fiquem isolados e possam continuar através de um programa mais sistemático, que não seja necessariamente muito caro. Por exemplo, criar um grupo de discussão interna responsável pelo enfoque de gênero não requer grandes investidas econômicas e pode ser muito efetivo.

É melhor manter os enfoques de gênero e participação juntos e não tratá-los separadamente.

3. É melhor manter os enfoques de gênero e participação juntos e não tratá-los separadamente. Quando falamos de "participação da comunidade", nos referimos a um grupo de pessoas composto por mulheres, homens, meninos e meninas, homens jovens, mulheres jovens, anciões, anciãs, etc. A participação dessas pessoas implica, necessariamente, em um enfoque de gênero para fazer mais efetiva e equitativa a participação em projetos, no manejo de recursos naturais, na pesquisa e no desenvolvimento comunitário. De tal modo, é importante que exista uma pessoa ou uma unidade responsável pelo enfoque de participação e gênero, e que, ao mesmo tempo, esses enfoques sejam parte do trabalho de todos os que estão nos programas e projetos (Hamerschlag e Reerink:1996). Muitas vezes quando é responsabilidade de todos, não é responsabilidade de ninguém. Ao contar com uma pessoa ou unidade, dependendo da estrutura da instituição, pode-se ter um melhor monitoramento dos impactos da incorporação do gênero e participação. Também pode-se centralizar e dar continuação aos eventos de capacitação e de reflexão. Isto não significa que a pessoa ou unidade deve somente ser responsáveis por gênero e participação, sem que o monitoramento, seguimento e avaliação seja centralizado. De fato, a aplicação desses enfoques deve fazer parte do trabalho de todos os diretores, diretoras, técnicos e técnicas de campo e líderes de projetos.
4. O nível de compromisso institucional deve manifestar-se em termos de políticas, mandatos e ações com os recursos humanos e financeiros suficientes (Poats e Russo:1989). Muitas vezes não é suficiente capacitar aos técnicos e integrar a variável gênero no nível de campo, se não existe um compromisso sério e duaradouro por parte dos diretores e diretoras da instituição. Esse compromisso deve ser expressado explicitamente nas políticas institucionais, sua missão, seu mandato e as ações que planeja a instituição. Hamerchlag e Reerink (1996) nos oferecem uma lista de pontos que devem ser considerados para que exista uma verdadeira institucionalização do enfoque de gênero:
   a. **Políticas e programas de gênero**, as quais devem ser manifestadas em um documento que descreve a problemática, os valores, princípios e a missão da instituição. Isso deve ser elaborado com a participação ativa de todos os integrantes da instituição e com o compromisso evidente dos diretores e diretoras.
   b. **Integração de gênero na programação**, isso inclui a aplicação explícita do enfoque de gênero nos programas e projetos, no monitoramento e avaliação dos esforços. Além disso, contar com uma pessoa ou unidade responsável, e ações em todos os programas.
   c. **Capacitação em gênero**, deve concentrar-se na conscientização, sensibilização, planificação e análise. Além disso, é necessário fazer um monitoramento da capacitação com técnicas e metodologias específicas para a institucionalização do enfoque de gênero, por parte da organização.
   d. **Gênero e contratação de pessoal**, inclui políticas de igualdade de oportunidades, enfoque de gênero, descrição de cargos e medidas de rendimento, mulheres e homens em cargos de diretores e estratégias ativas para contratar mulheres para cargos de direção.
   e. **Políticas pro-família dentro do trabalho**, isso significa arranjos flexíveis de trabalho, benefícios maternos e paternos, e apoio aos cuidados infantis.

Conclusão

Aprendemos que três organizações têm um profundo compromisso com a participação comunitária na conservação da biodiversidade e o manejo de áreas naturais, com o enfoque no gênero. Cada uma escolheu uma maneira de manifestar seu compromisso, a maneira de executá-lo e que resultados preliminares e lições têm aprendido no processo até o momento. Ainda existe muito caminho para percorrer no que diz respeito a institucionalização do enfoque de gênero, porém esses casos demonstram que esse enfoque é possível, é importante e que contribui para o trabalho de conservação. Ainda que existam muitas icognitas para resolver, graças às experiências como as de Arcoiris, EcoCiência e IQB, outras organizações podem traçar seu plano de incorporar o enfoque de gênero

Bibliografia

Campbell, Constance E. y Mary Hill Rojas
2000 Institutional Approach to Gender and Biodiversity Conservation in Latin America and the Caribbean: The Parks in Peril Program of The Nature Conservancy and USAID. Documento borrador presentado en LASA 2000, XXII Congreso Internacional Asociación de Estudios Latinoamericanos Marzo 16-18 del 2000. Miami, Florida.

Hamerschlag, Kari y Annemarie Reerink
1996 Best Practices for Gender Integration in Organizations and Programs from the InterAction Community. American Council for Voluntary International Action y Commission on the Advancement of Women. Washington, D.C.

Parker, A. Rani, Itziar Lozano y Lyn A. Messner
1995 Gender Relations Analysis: A Guide for Trainers. Westport,Conn.: Save The Children.

Poats, Susan V. y Sandra L. Russo.
1989 Training in WID/Gender Analysis in Agricultural Development: A Review of Experiences and Lessons Learned. Tropical Research and Development, Inc. Gainesville, Florida.

Siglas

CEDENMA Comité Equatoriano para a Defesa da Natureza e do Meio Ambiente - um grupo de organizações não-governamentais ambientalistas do Equador.

TNC The Nature Conservancy - organização internacional de conservação que trabalha no Equador e outros países latinoamericanos, através de sócios locais.

PROBONA Programa de Bosques Nativos Andinos - programa internacional que financia projetos em áreas de bosque andino.

PPD/PNUD Programa de Pequenas Doações do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas.

FECD Fundo Equatoriano-Canadense de Desenvolvimento.

CARE/FORDESCARE Internacional é uma ganização internacional de desenvolvimento rural que criou um programa de fortalecimento a ONG's para o desenvolvimento (FORDES)

FLACSO Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais - sede Equador, universidade baseada em Quitos e sócio no programa MERGE através de seu projeto GEMAREN (Gênero e Manejo de Recursos Naturais).

MERGE Programa "Manejando Ecosistêmas e Recursos Com Ênfase no Gênero" - da Universidade da Florida.

FUNAN Fundação Antisana - organização Equatoriana não-governamental de conservação, e sócio do programa MERGE através de TNC durante o projeto financiado pela Fundação McArthur.

Notas

[1] Paulina Arroyo e Susan Poats são integrantes do Grupo Randi Randi, organizacão sem fines de lucro com sede em Quito, e colaboram com o Programa MERGE.

[2] Bolívar Tello é sócio fundador da Fundacão Ecológica Arcoiris em Loja, Rosa Vacacela é fundadora e integrante do Instituto Quichua de Biotecnología com sede en Puyo, e Rocío Alarcón é Presidente e Directora da Área de Pesquisa da Fundacão EcoCiência em Quito.

[3] Este estudo de caso foi escrito por Paulina Arroyo e Susan V. Poats logo depois de duas entrevistas com Bolívar Tello e uma com Fausto López, Diretor da Fundacão Arcoiris, e suas contribuições ao texto.

[4] Este estudo de caso foi escrito por Paulina Arroyo e Susan V. Poats logo depois de uma entrevista com Rocío Alarcón, Coordenadora de Pesquisa de EcoCiência, e suas contribuições ao texto.

[5] Atualmente o Ministério de Meio Ambiente.

[6] Os técnicos do IQB se auto-definam como "sonhadores" empreendidos no trabalho comunitário e reconhecimento ancestral indígena. Para os quichuas de Pastaza o muscu,i o sonho, é muito importante, porque sempre se cumpre, e todas as atividades da cotidiana se guiam pelo muscui. Ao Sonhar en gênero implica um compromiso profundo que se cumpre e se aplica na vida diária.

[7] Este estudo de caso foi escrito por Paulina Arroyo e Susan V. Poats logo depois de uma entrevista com Rosa Vacacela do IQB e suas contribuições ao texto.

[8] Paju, palavra quichua que significa conhecimento e energia para realizar algo, neste caso para cultivar plantas.